

Um capítulo íntimo da vida de Alfredo Ferreira Rodrigues

Henrique González

O ambiente

Na minha terra natal, que fora primitivamente um presídio fundado pelo Brigadeiro Pais — Rio-Grande —, erguia-se, num canto de esquina da rua principal da cidade, um modesto edifício térreo, onde estava localizada a melhor drogaria, a mais séria e a mais afamada.

Depois de ter sido dirigida por Antônio Carlos Lopes, o fundador do primeiro *Tiro Brasileiro*, por circunstâncias decorrentes da situação comercial na época, transformou-se numa sociedade anônima, da qual fazia parte o patriota referido.

Era um estabelecimento de grande conceito, pela fabricação de inúmeros produtos acreditados, e se tornou casa importadora de relevo, com um número elevado de viajantes, que percorriam o estado em todas as direções.

Seu comércio de artigos estrangeiros obedecia rigorosamente às oscilações do câmbio; entretanto, também se vendiam produtos nacionais, cujos laboratórios, então, eram bem poucos.

Dirigiam a "Drogaria Unicum", assim se denominava, dois homens: um era de raras virtudes, honesto, prático, exigente, porém sem dotes intelectuais, e substituiu Antônio Carlos Lopes, como diretor-tesoureiro, suplente. A ele estavam afetos os problemas que diziam respeito à organização interna, empregados e demais assuntos comerciais; ao outro, com o título de diretor-gerente, ficavam os negócios de importação e os viajantes.

Aí comecei a trabalhar, não como auxiliar dependente de horários; mas, atendendo a amizade que a minha família mantinha com o primeiro dos diretores, ia aprender os segredos de Mercúrio, um deus comprometedor, e de Galeno. Aproveitava o intervalo das aulas da escola técnico-profissional que eu frequentava.

O meu protetor trazia-me debaixo de um *rigorismo lusitano*. O outro indultava-me nas investidas do *Tribunal do Santo Ofício*, defendendo os meus primeiros versos de *pé quebrado*.

Pois nessa casa, onde formei o meu carater, há vinte anos atrás, gozava-se de quinze dias de férias por ano e participava-se dos lucros anuais, com boas gratificações que se recebia.

O velho Alfredo

O diretor-gerente era Alfredo Ferreira Rodrigues, homem idoso, de compleição atlética, alto, fartos cabelos de algodão, bigodes brancos também, nariz avantajado, lábios grossos, não denotadores de sensualidade, nervoso e cuja presença autoritária e insinuante absorvia todos os comentários.

Ligeiro no caminhar, usava calçados com sola de borracha. Diziam os auxiliares que aquele homem respeitável, quando tinha contrariedades, dentro do estabelecimento, se exasperava profundamente.

Eu temia-o.

O tempo foi passando.

O homem bondoso

Certa feita, vi-o agarrar um modesto empregado pelo braço. Tive a impressão de que ia ser testemunha de uma tragédia.

A voz clara, de timbre musical, do velho Alfredo, se fez ouvir:

— Desapareça daqui!... Vá passear!...

— ? ...

— Você tem quinze dias de férias, menino!...

Sabia o bondoso ancião que a sua pessoa sempre foi o motivo daquele temor que assustava os seus tímidos colaboradores e, por isso, lançava mão desse expediente, no qual revelava a sua grande bondade, numa época em que o empregado do comércio a coisa nenhuma tinha direito.

Comecei a sentir pelo *velho Alfredo*, como era tratado na sua ausência, a mais sincera admiração, originária do gesto amigo e protetor.

Devia também chegar a minha vez.

Eu era franzino, de pouca altura, e teria doze ou treze anos.

De fato, certo dia, vejo-o sair da gerência, rápido, parar-se de frente de mim e de outros colegas, e apontar para um prego que estava cravado na parede:

— Olhe, menino, quando você estiver na altura deste prego (e apontou para o mesmo), eu lhe pagarei cem mil réis!...

Atrapalhado, mal me podendo conter, apercebendo-me de que era uma das suas peças, arrisquei duas palavras:

— É difícil, *seu Alfredo*!... Sou pequeno demais!...

Alfredo Ferreira Rodrigues riu-se, numa das suas risadas caracte-

rísticas de homem que compreendia o mistério psicológico das almas infantís.

Só ele poderia proceder assim, por que a severidade do *Inquisidor* era terrível, veneziana, brutal e fria...

Uma diferença assinalava aqueles dois homens, tão diferenciados um do outro: um, cruel por exigência metódica de trabalho; o velho Alfredo, esgotado por excesso de estudos.

O secretário do velho Alfredo

Na cidade do Rio-Grande, terra do bom peixe, na costa do Atlântico, existe a segunda biblioteca do Brasil de iniciativa particular, e estou crente que Alfredo Ferreira Rodrigues era um dos seus fundadores.

O velho Alfredo fazia a ficha num pequeno retângulo de papel, letra miudinha e legível, simétrica, e eu atravessava a praça Teles para buscar o seu livro predileto.

Suas leituras de então eram os clássicos latinos e gregos, que lia em francês.

Lembro-me que um dos volumes por mim trazidos, nos últimos dias de convivência, foi das *Metamorfoses*, de Ovídio.

Passei ao lado do paciente investigador uns quatro anos de vida agitada, assistindo a episódios deveras interessantes.

Dele conservo a mais pungente saudade, por que foi meu amigo, e também o que defendia as minhas pretensões literárias, quando o *Inquisidor* me torturava o espírito ansioso de liberdade para os complexos infantís de criança sem carinho materno.

A vida, tão cheia de acidentes, deu-me um destino por outra encruzilhada.

Parti para Porto-Alegre.

Não tenho a memória das datas, porem suponho que foi em 1918.

Revejo o velho Alfredo

Um dia, vendo que não me fora muito propícia a sorte do comércio, profissão que não era a do meu ideal, escrevi uma carta a Alfredo Ferreira Rodrigues, pedindo-lhe um lugar de viajante na sua drogaria, pois desejava casar-me.

Após oito anos, a minha saudade reviveu: recebi dele um cartão em resposta do meu pedido.

Henrique

*Estarei em Porto-Alegre no dia 21 de Abril.
Procure-me à 1 hora no "Hotel Jung".*

Era a mesma letra, o mesmo cartão de sempre, azul-claro; o mesmo espírito cheio de ordem se reconhecia naqueles traços caligráficos.

Esperei com ânsia o dia 21 de Abril do ano de 1926 ou 1927.

Conhecendo de sobejo as disposições do *velho Alfredo*, pelo convívio que com ele tivera, a segurança com que localizava o seu viajante, postei-me pelas imediações do "Hotel Jung", e dois minutos antes da uma hora subí as escadas do estabelecimento da rua Voluntários-da-Pátria.

Batí à porta.

Abriu-ma o velho Alfredo, que, em tom repassado de intimidade, foi dizendo:

— Henrique!... você tem uma grande recomendação a seu favor!...

Respondi logo:

— Já sei, *seu Alfredo*, é aquilo de que os ingleses gostam muito...

— Pontualidade, Henrique!... Pontualidade!...

Como não houvesse senão uma cadeira, na qual ele sentou-se, mandou que eu me sentasse à cama, e ouviu-me silenciosamente.

.

— Gostei da sua carta, Henrique!... Nela você diz tudo com precisão. Você não casou ainda?... É o diabo!... (e trazendo na língua o veneno de uma ironia equilibrada, por que era modelar chefe de família e pai amantíssimo) casamento só uma vez... mulher uma só... e assim mesmo para incomodar a vida inteira!...

E continuou:

— Você vai ocupar o lugar do Andrade. O Andrade casou-se com uma moça rica. A sogra é uma mulher doente, e o Andrade é quem a atende nas viagens a Buenos-Aires.

— Creio que ele não volta mais.

— Você fará a correspondência quando eu viajar. (Alfredo Ferreira Rodrigues também viajava para a sua drogaria.)

O feliz auxiliar voltou, e ficou sem efeito o combinado.

Em Pelotas com o historiador da Revolução Farroupilha

Tornei-me depois viajante de um laboratório francês, tendo peregrinado pelo *Correio da Manhã*, *Malho*, *Revista da Semana*, como profissional, mantendo colaboração permanente nos jornais das principais cidades do Rio-Grande do Sul.

Fiz a primeira viagem ao Amazonas, realizando o meu maior

desejo da mocidade, e voltei ao Rio-Grande do Sul, que percorri todo, há cerca de dois ou três anos.

Ao descer na cidade brumosa em que nasci (os pelotenses são *sebeiros*, e nós *papa-areias*), procurei o canto da rua da Praia com Andrades-Neves, para rever a minha infância feliz: tudo havia mudado.

No lugar da "Drogaria Unicum", onde passei quatro anos ao lado de uma das mais belas inteligências do nosso *rincão* amado, erguia-se um edifício alto e vistoso, empanando a reminiscência que eu tentava reviver.

Pude ainda sentir que se esboçavam na minha retentiva as vidraças do balcão cheio de sabonetes e de perfumes, e sobre ele as duas clássicas garrafas com um líquido de cor, simbolizando o estabelecimento.

Via o *guichet* da Caixa, e lá dentro D. Adélia, sobrinha do velho Alfredo, ou D. Noca, duas criaturas que eu aprendi a amar com a alma dos meninos que entraram muito cedo para a Escola da Vida.

Vi a minha infância, e vi o velho Alfredo.

Fui para Pelotas, a duas horas de trem do Rio-Grande.

A drogaria agora tinha lá a sua sede.

O ambiente se modificara.

Uma outra casa do mesmo gênero, de Porto-Alegre, conseguira se sobrepôr à "Unicum". Houve fusão.

E assim penetrei os pórticos daquela casa, de visita, encontrando ainda dois antigos empregados, do meu tempo.

O velho Alfredo olhava-me.

Parece que se recordava do passado.

Disse-me que, ao contrário de mim, que era moço, não necessitava de óculos para ler.

Estava exausto.

Ia para Santa-Catarina, refúgio para o seu cansaço de septuagenário.

Onde estava o *Inquisidor*? . . .

Eis o que restava de todo aquele passado: a figura veneranda de Alfredo Ferreira Rodrigues, historiador, poeta e prosador, que a morte acaba de destruir.

José de Alencar ainda está redivivo dentro do meu coração:

— Tudo passa sobre a Terra.